

Vicente de Carvalho
(Da Academia Brasileira)

A voz do sino



Editora : "A Cigarra"

*So amigo Cardozo de Almeida
Vicente de Carvalho*

Vicente de Carvalho
(Da Academia Brasileira)

A voz do sino



Editora : "A Cigarra"

À suave memoria
de
Alfonso Arinos



I



arde triste e silencioza
De vila de beira-mar:
Uma tarde cor de roza
Que vai morrendo em luar...

Ao lonje, a varzea scintila
De uns restos de sol poente;
Mas, por sobre toda a vila
— Do morro a que fica rente
Desce uma sombra tranquila —
E anoitece lentamente.

, Não aparece vid'alma.

Nem rumor da natureza,
Nem éco de voz humana
Perturba a infinita calma,
A solitaria tristeza
Da pobre vila praiana.

Nem se ouve o mar, lonje, e manso.

A tudo, em redor, invade
Um ar de mole descanso. . .

Silencio. . Imobilidade. . .

Como que, interrompida,
A correnteza da vida
Fez neste ponto um remanso.

De subito, rumoreja
Violentamente o ar:
Na torrezinha da igreja
Rompe o sino a badalar.

Ponho-me, atento, a escutal-o:
Que diz, alto e repentino,
Esse bater de um badalo
Num sino?

Badalo que assim badalas
No sino que assim resoa,
Aves, já nenhuma voa :
Dormem ; e vais acordal-as
Á toa. . .

Vais espantar quanta moça
Ahi pelos arredores
Depois de um dia de roça,
De enxada e de soalheira,
Dedica a tarde ligeira
A tarefas bem melhores :

Pelas discretas beiradas
De alguma fonte ; fiadas
Na proteção pitoresca
De ramajens, folhas, flores ;
Que fazem elas ? Coitadas,
Bebem, nas mãos, agua fresca. . .
Lavam as caras tostadas. .
Ou cuidam dos seus amores. .

Badalo que assim badalas
No sino que assim resoa,
Olha que vais espantal-as
Á toa. . .

Badafas. E eu que te falo
Não sei e nem imagino
Que pretendes tu, badafas,
A bater, bater no sino.

Talvez convoques á ceia
Pescadores que, lidando,
Nem viram que entardeceu ;
Algum se estendeu na areia
A descansar ; sinão quando,
De çansado adormeceu. . .

Badala-me assim, badala :
Esperta esse dorminhoco ;
Que ou ele, acordando, abala,
Ou fica dormindo — e em troco
Da sua madraçaria,
Chegando á caça atrasado
Alta no fogo apagado
A caldeirada já fria.

Badalo que assim badalas
No sino que assim atroa,
Porque é que tão alto falas
Á toa ?

A andar com menos demora
Talvez tua voz compila
Certo rei dos mandriões
Encarregado em má hora
De, nas trez ruas da vila,
Acender os lampeões. .

Chamas, talvez, ao seu posto.
Quem? Algum camaroeiro
Retardado e mal disposto
A seguir para o pesqueiro?

Badala-lhe que é sol posto,
Que a lua cheia está fóra,
Que, com pequena demora,
Vai a maré a vazar:
Para chegar á costeira
Tem ele uma legua inteira
De caminho a caminhar,
Vencendo-a de combro em combro,
De atoleiro em atoleiro,
Com o remo e o puçá no hombro
E, na mão, o candieiro.

Ruidozo sino da vila !
E é por couzas tão vulgares
Que atroas assim os ares
De uma tarde tão tranquila ?



II



Badalo que assim badalas...

Que voz de repente soa
Acompanhando-te as falas
Á toa?

E' voz de gente que canta...
De gente... E parece tanta...

Da humilde igreja irradia
E para o ceu se alevanta
A reza da Ave, Maria.

As vozes e as badaladas
Confundem-se... Misturadas
No fervor da mesma prece,
Sóhem juntas para o ar
Onde a lua resplandece
E a noite, imensa, parece
Feita do albor do luar.

Sobre a soleira da porta
Da casa pegada á minha,
Vejo sentada a vizinha:
Moça, e bonita. Que importa?

Tem nos braços o filhinho;
Fala-lhe, toda carinho;
Ele ouve; sorri; depois,
Responde-lhe, balbucia...
E, de mãos postas, os dois
Murmuram a **Ave, Maria.**

Ante meus olhos perpassa
Uma visão: imagino
Maria, cheia de graça,
Jesus, louro e pequenino.

Uma tarde cor de roza.
Uma vila assim modesta,
Assim tristonha como esta...
De pescadores, também...
Sobre a planície arenoza
Por onde o Jordão deriva
Pouza a sombra evocativa
Das montanhas de Siãem...

À porta de humilde choça,
Uma mulher. Quem é ela?
É pobre... é joven... é bela...
É a Mãe: comovida, a espaços
O seu sorriso se adoça
O seu olhar se ilumina
Para a figura divina
Do filho que tem nos braços.

Mostra-lhe, á noute que estréla
O ceu e que a terra ensombra,
Como a terra é toda sombra,
Como o ceu é todo luz...
E o filho, enlevado nela,
Em extaze balbucia.
A primeira Ave, Maria
Quem a rezou foi Jesus.

Sigo o meu sonho... Imagino
Que, por todas essas roças
Aonde chega a voz do sino,

A sombra triste das choças
Frouxamente se alumia
Da vela de cêra aceza
Ante uma Virjem Maria
Tendo nos braços Jezus.

É a hora augusta da reza.

Mães, pobres mãis andrajozas
De filhinhos semi-nus,
No chão de terra ajoelhadas,

Dizem couzas misteriozas,
Palavras entrecortadas
De magua que se lastima,
De suplica, e de esperança,

A essa outra Mãe que, lá em cima,
Na gloria do ceu, descansa
Do que passou neste mundo.

Ela que, com o mesmo eterno
Requinte do amor materno,
Sorriu a Jezus criança,
Chorou Jezus moribundo,

la, do alto ceu infinito,
Olha com olhos de Santa
E de Mãe que já sofreu
Tanto coração afflicto
Que se volta para o seu.

Na roça a mizeria é tanta...

Quanta pobre gente, quanta,
Expia o ser mal nascida
Cumprindo a pena da vida
Como pregada a uma cruz;

E, na angustia que a quebranta,
Somente espera e antegoza
A proteção milagroza
Da Virjem Mãi de Jezus !..

Na roça a miseria é tanta. . .

E cada choça sombria
Para o claro ceu levanta
A reza da Ave, Maria.

Não, tu não falas á toa:
Errei, confesso-o. . Perdoa,
Ó sino humilde da vila,
Que assim badalas, badalas,
Na paz da tarde tranquila;
Ó sino, que também rézas,
Ó sino, que tanto falas
Á terra, toda asperezas,
Como ao ceu, todo luar,
Chamando, com o mesmo zelo,
Cada infeliz — a rezar,
Nossa Senhora — a atendel-o.

Consolador de tristezas !
Semeador de esperanças !

Aqui nestas redondezas
Não ha vida tão bonanças
Nem casebre tão remoto
Onde quanto o sino diz
Não abençoe um devoto,
Não console um infeliz. . .

Por essas varzeas tão ermas
Onde, perdidas e sós,
Há tantas almas enfermas
De desesperos sem voz,

Onde tanto desdenhado
De Deus, que de certo o olvida,
Vive, até morrer, vergado
Ao pezo da propria vida,

Vais chamar, em altos gritos
Como si fosse a um dever,
Desamparados e affictos
— Para o consolo de crer.

E de cazebre em cazebre
Onde gente, a vida inteira,
Vive de trabalho e febre,
Morre de fome e canseira,

Afirmas á angustia surda
Do mizero tabareu
Que o brejo em que elle chafurda
— É um caminho para o ceu.

A cada pobre praiano
Que, na sua dura lida
De afrontar o largo oceano
Vive de arriscar a vida,

**Tu, consoladoramente,
Falas para lhe lembrar
Que ha quem reze por a genie
— E ha ceu por cima do mar...**

Da mesma igreja alvadia
Evolam-se as badaladas
E a reza da Ave, Maria.

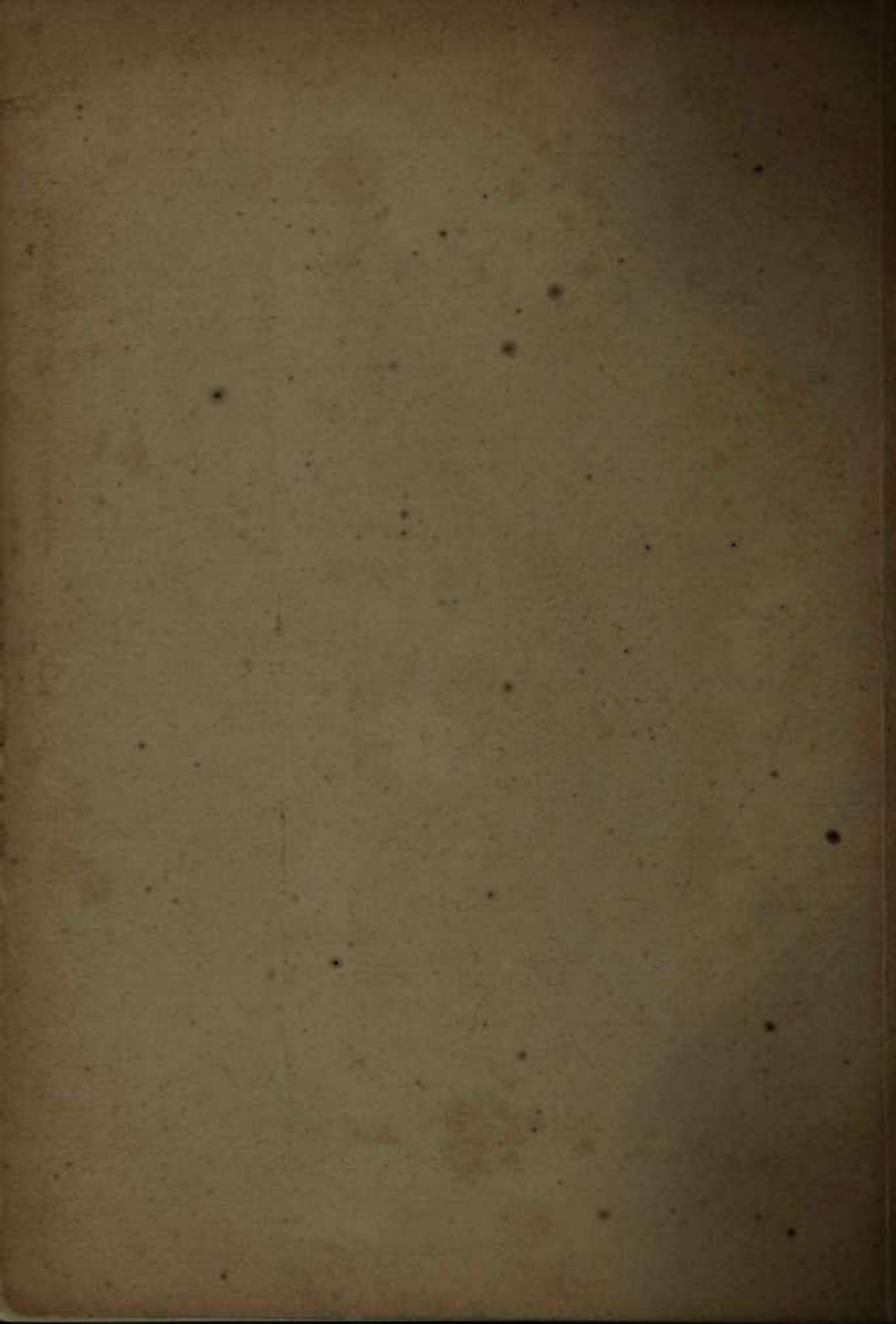
Evolam-se. . . Misturadas,
Sobem juntas para o ar
Onde, palida e sozinha,
Tão alva, que resplandece,
Tão só, que vai a sonhar,
Caminha a lua, caminha,
E o céu, imenso, parece
Feito de sonho e luar.

Humilde sino da vila,
Que assim badalas, badalas,
Na paz da tarde tranquila;

Não, tu não falas á toa:

Percebo o que ^eá quem falas...

Perdoa !



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).